

ESTUDO DO MEIO COMO POSSIBILIDADE DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

JUÇARA PASTORELLI NOVELI FLORIAN¹

A(s) geografia(s) crítica(s) escolar(es), portanto, concebida(s) nestes termos, devem ser ao mesmo tempo uma forma concreta de prática educativa e um vir-a-ser, isto è, estará sempre “em construção” mesmo sendo implementada.

José William Vesentini

RESUMO

A intenção deste artigo é fazer uma reflexão de como vai se constituindo a produção de conhecimento da Assistente Pedagógica e das alunas do curso de Pedagogia da UNICAMP, através da proposta de Estudo do Meio, como uma das atividades realizadas para a percepção da realidade e a desnaturalização do espaço geográfico. Mostrando que este recurso pedagógico pode contribuir para ampliar a visão de mundo, desvendar certas narrativas e culturas preconceituosas acerca do lugar de vivência dos homens, problematizando as idéias que, com frequência, estão arraigadas em nós, a fim de romper com a naturalidade que adquirimos sobre as coisas do mundo, e propor um novo olhar.

PALAVRAS-CHAVES.

ESTUDO DO MEIO, LUGAR, FORMAS VISÍVEIS DE REALIDADE, VERDADE E CONHECIMENTO.

O Estudo do Meio é uma atividade central na Disciplina PE-403- Teoria Pedagógica e Produção do Conhecimento em Geografia, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas - PROESF – tendo como idéia principal que o conhecimento é construído através das idéias, ações e relações que estabelecemos com os sujeitos no dia-a-dia e que estão intimamente permeadas pelos conteúdos escolares, através da percepção visível que temos das formas do espaço geográfico ao nomearmos os ambientes, as pessoas e os objetos que fazem parte desta realidade, isto é, ao colocarmos os nossos sentidos em ação no espaço geográfico percebemos como vai se construindo social, material e subjetivamente o mundo em que habitamos, e como podemos re-

¹ Pedagoga da Rede Municipal de Americana. Formada em Geografia atuou, como Assistente Pedagógica do PROESF/FE/Unicamp e Professora da Faculdade Anhanguera Educacional.

produzir, reconstruir, entender e interferir nesta realidade, construindo outras realidades e verdades para este mundo.

Sendo a nossa reflexão a atividade de Estudo do Meio, necessitamos entender de qual meio nos referimos, e recorreremos às palavras de Luciano Castro Lima (2002, 173) para isto: “Partimos do meio para chegar ao inteiro. E quando nele chegamos, percebemos que ele é um novo meio para chegar num novo inteiro mais abrangente. Meios e inteiros sucedem-se numa jornada infinita”. Este *meio* é aqui entendido como uma eterna procura pelo conhecimento. Conhecer, afirma Nicolau de Cusa², “é estabelecer uma proporção entre o conhecido e o desconhecido, entre o que já se conhece e o que se vai conhecer”. E é com esta proporção que nós professores e alunos queremos trabalhar: o conhecido, carregado de verdades amparadas pela tradição e valores morais ou científicos e o desconhecido sobre o qual poderemos nos debruçar para criar outras verdades, outras possibilidades para se viver uma outra realidade.

Para que isto aconteça, teremos que colocar o nosso corpo neste meio. É através do corpo que começamos a perceber e compreender que estamos no e fazemos parte do mundo. Corpo carregado de desejos, de subjetividades e que através da percepção que temos a partir dele, estabelecemos as relações com a matéria, com as emoções e com as idéias. Esta relação se processa através dos sentidos. Sentidos aqui não somente os físicos, emanados de nossas vibrações corporais, mas também os sentidos simbólicos, emanados das culturas que vibram em nós.

O Estudo do Meio tem como elemento central os sentidos, é por/com eles que agimos e interagimos com o mundo. É pelos sentidos que conhecemos e aprendemos algo que ainda não sabemos ou não percebemos. Somente a partir dos sentidos perceberemos e daremos formas aos objetos, aos lugares e às ações, que se concretizam através das palavras que expressam nosso pensamento, e assim vão se criando nossas realidades. Tal jogo só será desvelado a partir da experiência, não aquela experiência onde se passam tantas coisas e nada nos toca, mas aquela experiência descolada da informação, da opinião e da falta de tempo, aquela que Larrosa nos coloca tão bem como o saber da experiência.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

(LARROSA, 2002, p.24)

² Nicolau de Cusa (1401-1464) – Filósofo do Século XV.

Para nós professores, que lidamos com o conhecimento baseado nos raciocínios científicos, tomados como verdade inquestionável, ainda é muito difícil, mas não impossível, provocar ações voltadas ao saber da experiência, pois tudo o que está posto na escola ainda é muito conceitual, informativo e instrumental, e temos muitas dificuldades para colocar em pauta as experiências e o conhecimento que os sujeitos trazem de suas origens, suas subjetividades e suas culturas. Não estamos acostumados a trabalhar com a instabilidade do saber, mas precisamos aprender. O ‘estranhamento’³ ainda é uma marca que nos assusta. Precisamos urgentemente valorizar os sujeitos da experiência, receber outras informações, confrontar outros pontos de vista, expor outras idéias e pensamentos, colocar em dúvida os saberes disponibilizados pela ciência, pela mídia, ou por grupos legitimados pelo poder, como os professores, para produzirmos outros conhecimentos, outras verdades.

Uma das possibilidades para trabalhar em nossas escolas com propostas metodológicas mais avançadas são as práticas escolares designadas de Estudo do Meio que geralmente são associadas à Escola Nova⁴, representando uma das atividades do método intuitivo⁵, que se baseia em uma problematização situada no presente, num determinado espaço dimensionado em seus diversos níveis: social, político, econômico e cultural. Sendo que o tema apreendido de uma dada realidade não se limita a um tempo homogêneo e contínuo, mas é abordado pelas mudanças e permanências, pelas diferenças e semelhanças entre passado e presente, entre espaço vivenciado e outros espaços, possibilitando atingir um dos aspectos fundamentais que é o estudo das diversas temporalidades, rompendo com o ensino calcado na linearidade do tempo positivista, e contribuindo com a possibilidade de uma educação que estabeleça relações ativas, interpretativas e construtivas que conduzam à produção de novos conhecimentos.

O Estudo do Meio funciona como um elo de ligação entre o conceito teórico e a realidade, pois favorece a compreensão de que os documentos, as teorias organizadas e as realidades não falam por si mesmos, que para lê-los é necessário formular perguntas, fazer recortes temáticos, relacioná-los a outros documentos, a outras informações, a outras realidades, fazendo com que os

³ “...dúvidas, estimulando a curiosidade, a colocação de perguntas (por que é assim? poderia ser de outro modo? etc) e a construção de interpretações”. (OLIVEIRA JR. E OUTROS, 2005, p.118).

⁴ Escola Nova – Movimento que defendia a educação ativista, a partir da renovação da pesquisa pedagógica, na busca teórica dos fundamentos filosóficos e científicos de uma prática educativa mais eficaz. Desse modo, a ênfase da educação não está na acumulação de conhecimentos, mas na capacidade de aplicá-los às situações vividas.

⁵ Método Intuitivo – A ênfase do método está no reconhecimento de que os sentidos são a porta para todo conhecimento. Ao contrário da tradição, que valoriza o ensino discursivo, que atua por raciocínio lógico e, portanto, é abstrato, busca-se começar a instrução primária educando a sensibilidade, pela qual percebemos cores, formas, sons, luz etc. É esta que prepara e antecipa a intuição intelectual, quando então percebemos as relações (de igualdade, causalidade etc.) entre as coisas. Ou seja, rejeitando a educação livresca, a criança deveria aprender a ler o mundo visível, pela observação e percepção das relações entre fenômenos.

sujeitos raciocinem por escalas⁶ sociais, geográficas e temporais para perceberem o mundo em que estão inseridos. Sendo assim, o Estudo do Meio diferencia-se de trabalho de campo, pois o mesmo consiste na ida ao local de estudo pelos professores, coordenadores pedagógicos e diretores para observação/verificação/constatação de informações fundamentais das diversas áreas do conhecimento, onde se extrai o tema de suas disciplinas, articulando-os à visão da área específica.

Somente com a percepção do mundo, o indivíduo poderá interferir na sua realidade para (re) construir o seu lugar de vivência. Sendo assim, aguçar o olhar e notar cada acontecimento à sua volta é tarefa primordial. É desse notar que depende o conhecimento. Pois, desacelerar radicalmente a nossa ação na vida para podermos perceber os acontecimentos que estão ao nosso redor seria a solução para diminuir a intensidade dos fatos cotidianos que nos estão levando a cataclismos que nunca vimos antes, e que vivenciamos no mundo hoje, conseqüências estas resultantes da nossa limitada visão da realidade quando notamos e descrevemos os objetos.

Com a intenção de promover este notar cuidadoso em atividades educativas é que, entre nossas atividades propostas no percurso da disciplina Teoria Pedagógica e Produção do Conhecimento em Geografia, incluímos o Estudo do Meio como forma privilegiada de conhecer os lugares durante a escolarização.

Para iniciar nossas atividades no eixo Lugar⁷ apresentamos a sugestão de **“alguns passos de um Estudo do Meio”**:

A. IMPRESSÕES SUBJETIVAS: reflexão particular sobre o lugar/local – atualização de memórias e vagas lembranças...; Registro na lousa/cadernos ou em cartazes que permanecerão expostos para consulta durante o trabalho; busca das origens/fontes orais, escritas ou visuais destas memórias – família, televisão, conversas, fotos, etc; levantamento de “representações sociais” – parte da cultura –, que são conhecimento já existente e necessário (embasam interpretações) ao entendimento da sociedade/lugar.

⁶Raciocinar por escala, em certo sentido implica olhar de outro modo, mas, então, esse algo já não será o mesmo, aparecerá com nova fisionomia, “é exercer o pensamento, mas localizando-o claramente em um contexto”.(OLIVEIRA JR e OUTROS, 2005, p.133).

⁷ Eixo Lugar – texto elaborado coletivamente pelo grupo de professores da disciplina Teoria pedagógica e produção do conhecimento em Geografia (PROESF/FE/Unicamp), com a finalidade de desencadear reflexões sobre o espaço geográfico. “Esses passos não visam propor uma seqüência a ser seguida, mas indicar algumas possibilidades que um Estudo do Meio tem de produzir práticas educativas que, ao invés de somente reproduzir o que já foi dito sobre um dado lugar, possam colocar os alunos na condição de produzir conhecimentos acerca desse lugar e ao mesmo tempo refletir sobre os limites e tensões desses conhecimentos por eles produzidos.”(OLIVEIRA JR e OUTROS, op. cit., p. 143)

B. Discussão e criação dos EIXOS DE BUSCA: a partir das impressões pessoais registradas e, talvez, de objetivos geográficos/históricos/científicos pretendidos; conversas e debates em grupos ou com toda a classe, de modo a encontrar as mais intensas questões/dúvidas/curiosidades/vontades de conhecer, as quais constituem eixos norteadores de buscas; divisão da turma em grupos pequenos, para o trabalho com os eixos de busca.

C. PESQUISA DE FONTES de informações acerca do lugar/meio estudado: notícias antigas e atuais, fotos antigas e atuais, mapas e fotos aéreas, estudos do meio anteriores, pessoas que podem ser entrevistadas (moradores, passantes, trabalhadores atuais ou que realizaram alguma obra no local, antigos moradores, pesquisadores, etc), pessoas das mais diversas idades, classes, culturas, localizações no local; entrevistas devem ser registradas de vários modos (escrita, gravação, filmagem, etc); trabalho com histórias de vida de pessoas que de algum modo estão ou estiveram ligadas ao local; é fundamental o trabalho com as idéias de fontes/documentos, lidando com as questões de credibilidade e legitimidade de cada depoimento/objeto/notícia.

D. DESCOBERTA DE CONHECIMENTOS NESTAS FONTES trazidas para sala de aula: respostas às questões iniciais, problematizações de algumas “idéias prontas”, informações que alterem dúvidas e perguntas, produzindo outras buscas e conhecimentos; registro, no caderno ou em cartazes, de outras dúvidas e questões que aparecerem.

E. ORGANIZAÇÃO DE MATERIAIS que poderão auxiliar numa melhor apreensão do lugar a ser visitado: mapas, tanto do lugar quanto do trajeto, em diversas escalas (notadamente em grandes escalas, para facilitar relação entre o que se vê no mapa e o que se vê/vive no local); fotografias aéreas; roteiros de entrevista e o nome de pessoas a serem entrevistadas; roteiros de observação; etc.

F. IDA AO LUGAR: observação cuidadosa da paisagem (olhar, ouvir, caminhar/tocar, comer/beber, cheirar); vivência de alguns momentos junto às pessoas que ali vivem; entrevistas/conversas informais com pessoas que estiverem por lá; registro nos mais diversos meios (fotos, vídeos, apontamentos escritos, desenhos/croquis, etc) – é importante discutir possibilidades e limites de cada tipo de linguagem utilizada para o registro.

G. ELABORAÇÃO/ORGANIZAÇÃO, PELOS GRUPOS, DOS DIVERSOS REGISTROS E FONTES, *de modo a serem apresentados em classe: neste momento, cada grupo edita o material disponível, produzindo um discurso sobre aquilo que lhes coube observar/aprofundar/cuidar; nesta edição, os grupos devem ser incentivados a continuar discussão a respeito de limites e possibilidades de cada linguagem utilizada para produzir os registros, e, ao mesmo tempo, a lançar mão de tais linguagens em suas apresentações.*

H. APRESENTAÇÃO DOS GRUPOS/EIXOS: *solicitação aos ouvintes que registrem as apresentações e, também, questões/dúvidas que apareçam ou sejam apresentadas pelo próprio grupo expositor; diálogo envolvendo o professor e todos o grupos; é interessante convidar entrevistados, moradores, trabalhadores do lugar e pessoas que possam contribuir no debate suscitado pelas apresentações (pesquisadores, dirigentes/servidores públicos, membros de associação de moradores, etc); é comum surgirem novas dúvidas, iniciarem-se novas buscas, a partir das reflexões deste momento de apresentação; fundamentalmente, este momento tem por objetivo promover um diálogo que “reunifique” o meio estudado, antes dividido em partes/eixos para fins de observação.*

I. ELABORAÇÃO DE NARRATIVAS: *narrativas sobre o lugar (lembremos que, lá no início, propusemos a apresentação das primeiras impressões subjetivas); nestas narrativas deve-se incentivar a discussão da credibilidade das fontes e documentos escolhidos para embasá-las, bem como a identificação da influência das primeiras impressões na continuidade do conhecimento produzido acerca daquele lugar; narrativas elaboradas nas mais variadas linguagens (HQs, vídeos, desenhos, escritos, dramatizações, danças, fotografias, etc), de modo a ir revelando aos alunos que a escolha de certa linguagem para construir um discurso já implica em certas possibilidades e limites de dizer e apresentar um lugar.(OLIVEIRA JR. E OUTROS, op.cit, p.144-146).*

Neste texto destacaremos as potencialidades no Estudo do Meio do primeiro dos passos aqui apresentados, “as impressões subjetivas”, ao relatarmos alguns dos Estudos do Meio realizados com as turmas de alunos do Proesf, no pólo de Americana.

A primeira proposta de realização do Estudo do Meio iniciou-se no primeiro semestre do ano de 2004 com duas turmas do PROESF, no pólo de Americana. A proposta inicial era realizar o Estudo do Meio na Avenida Brasil, localizada no Centro da cidade de Americana. Esta atividade

seria realizada no período de aulas das alunas, ou seja, o período noturno, pois se tratava de alunas-professoras que não tinham disponibilidade de tempo no período diurno. Por outro lado, realizá-lo no período noturno nos dava a possibilidade de perceber que as cidades não param nunca, e poderia nos revelar dados que não percebemos durante o dia. A ausência de estímulos visuais e sonoros permitiria lançar observações que nos revelariam percepções nunca alcançadas durante o dia, como, por exemplo, o trabalho realizado à noite (comerciantes, coletores de lixo, garçons, guarda de trânsito, enfermeiros, médicos), além de observar como se realizam as horas de lazer dos sujeitos que trabalham durante o dia.

Iniciamos conversando sobre as impressões subjetivas que as alunas tinham da Avenida Brasil. Como muitas lecionavam em Americana e já haviam realizado o Projeto Raízes⁸, elas relatavam exatamente aquilo que lhes foi oficializado. Já as alunas de outras cidades se colocavam a partir do olhar que realizavam fisicamente das formas físicas de uma avenida, e entravam em contato com a história “oficial” a partir da narrativa das alunas-professoras moradoras da cidade. Algumas arriscavam outras impressões, mas não iam além das marcas materiais que detinham de uma avenida de cidade de grande porte.

A influência das palavras que emanavam na constituição do imaginário daqueles lugares ia determinando as configurações deste espaço e assumiam formas, cores, texturas, concepções e preconceitos, que iam agindo no jogo tenso de “produção” e “dissolução” da realidade, referido por Jorge Larrosa (1999), ao analisar as teses de Gianni Vattimo, que nos faz questionar o que é o real. Estas questões somente seriam resolvidas através do confronto das narrativas de cada uma sobre o espaço geográfico em estudo. O interessante é como cada um de nós vai percebendo estas realidades sem ser influenciado pelas narrativas oficiais, pois somente através das nossas reflexões e das reflexões que os outros fazem em confronto com as nossas é que iremos estabelecer nossas realidades e nossas verdades. Larrosa (2003, p. 153) entende que:

O ponto de partida da tese de Vattimo consiste em uma determinada interpretação da sociedade na qual vivemos em que ela pode ser caracterizada como uma sociedade da comunicação generalizada ou, mais concretamente, na medida em que ela pode ser definida com uma sociedade na qual os aparatos de comunicação de massa (os periódicos, o rádio, o cinema, a televisão, mas também os aparatos culturais e educacionais de massa) são determinantes para a produção, a reprodução e também para a dissolução disso que chamamos de realidade.

⁸ O Projeto Raízes foi desenvolvido pela extinta Secretaria de Educação e Cultura de Americana com o objetivo de conhecer os principais marcos históricos da cidade e sua história oficial.

Na aula seguinte à realização do estudo do meio fizemos a apresentação das observações dos grupos. Alguns apontamentos relevantes serão analisados aqui:

Tati: *“A avenida é cheia de restaurantes, lanchonetes, bares, enfim locais para a juventude e também para a família. Paramos em frente ao restaurante Farol, e o que nos chamou a atenção foi o fato de, sendo uma terça-feira, o local estar cheio. Então conversamos com o segurança do local que nos falou que isso acontece todos os dias. Notamos que o local, bem como a grande maioria dos restaurantes da avenida, é freqüentado, em sua grande maioria, por pessoas com um bom poder aquisitivo, o que ficou perceptível através dos carros nos estacionamentos”.*

Elma: *“Às vezes temos uma imagem artificial de um determinado lugar, como no caso da Avenida Brasil, que eu pensava que ela só era freqüentada pela elite da cidade. Como me enganei, neste lugar tem prostitutas, boca de fumo, travestis e drogados, a realidade é outra daquela que estamos acostumados a ver.”*

As nossas reflexões se reportaram ao texto “A Guerra dos Lugares” (ARANTES, 1994), que nos coloca a formação de lugares sociais efêmeros, verdadeiras fronteiras simbólicas que dividem as pessoas que constituem as grandes cidades. A sociedade em geral tem muito forte que certas minorias se apresentam apenas nas classes sociais menos favorecidas, reforçando o caráter discriminador e segregado da sociedade, segundo a seguinte afirmação feita em programa de vídeo por Hans, citada no texto citado acima:

Somos parte de um mundo só. Estamos todos juntos, mas não estamos no mesmo mundo. Você, se entrar no meu mundo, é estranho; eu, se entrar no seu sou estranho. Você não ia me aceitar se soubesse que tenho passagens pela polícia, e eu não ia te aceitar sabendo que você nunca roubou. Você tem um mundo e eu tenho outro mundo (Idem, p.191).

Foi muito curioso verificar como as alunas iam descobrindo que podemos viver outras realidades a partir do entendimento que vamos adquirindo da realidade construída por nós mesmos e pelos outros. A partir daí, outras relações sobre o conceito das fronteiras simbólicas iam ocorrendo no espaço de vivência da nossa própria sala de aula, que eram apontadas por elas e geravam muitas discussões.

Maria: *“Por ser região residencial fica evidente a influência que a comunidade exerce sobre a política da cidade. Além das construções serem de alto padrão, os moradores têm o poder de inibir a presença de outras pessoas.”*

Diferentemente dos bairros periféricos que, às vezes, não contam nem com saneamento básico, investimento em infra-estrutura na área de saúde, educação e segurança, a Avenida Brasil é preservada e cuidada pelas autoridades políticas da cidade. Recentemente, houve a ação da polícia

naquele local para coibir a concentração de jovens que freqüentavam os postos de gasolina nos finais de semana fazendo uso de bebidas alcoólicas, drogas e música alta. Eram jovens provenientes dos bairros vizinhos que não contavam com áreas de lazer suficientes em seus bairros e se deslocavam para a Avenida Brasil, considerada ponto de encontro da juventude.

Às vezes, temos uma imagem artificial dos lugares, como ocorreu com a Avenida Brasil para o grupo de alunas-professoras. Observar com um olhar refinado e direcionado, como as alunas fizeram, contribuiu muito para perceber as diversidades culturais, sociais e econômicas e jogos políticos que havia no local, possibilitando a compreensão de como se dão as relações entre os homens na sociedade de hoje. Essa experiência nos possibilitou ver de modo diferente como podem ser realizados o Estudo do Meio nas escolas, onde observar, pensar, problematizar e arriscar outros conceitos e verdades sejam essenciais para (re)construir a realidade estudada, fugindo da mera constatação dos espaços geográficos prontos e inalteráveis.

Não houve tempo suficiente para aprimorarmos as narrativas. Inclusive, nossa proposta de olhar mais devagar, fazer mais devagar foi interrompida pelos acontecimentos. A discussão não foi aprofundada e passamos a trabalhar outras linguagens, dando continuidade ao plano de curso⁹. Talvez, à medida que os sentidos se tornem apurados conseguiremos, em outros momentos, reduzir a escalada desenfreada dos acontecimentos que propomos para a nossa vida.

Naquele ano, 2004, o trabalho que as alunas-professoras teriam que fazer para concluir o módulo do curso, tinha como ponto de partida uma atividade sobre a prática em sala de aula que elas iriam escolher e fazer a imbricação com os cinco eixos que norteavam nosso plano de curso no PROESF: Lugar, Mapa, Trabalho, Raciocínio por Escala e As Diversas Identidades Sociais. Na avaliação dos trabalhos das alunas não foram contempladas as idéias e reflexões que surgiram oralmente no debate apresentado pelos grupos em sala de aula sobre a atividade do Estudo do Meio, ficando apenas como uma atividade proposta para o eixo Lugar.

A segunda proposta de realização do Estudo aconteceu no ano de 2005. Neste ano, queríamos ampliar o número dos lugares onde realizar o Estudo do Meio. Provavelmente, devido ao foco nesta ampliação, somente após o término do semestre percebemos as possibilidades de trabalhar os cinco eixos norteadores do nosso trabalho de sala de aula como suporte das ações educativas que iriam aparecer na realização do Estudo do Meio.

⁹ Apesar de nossos desejos e vontades de um mundo em que as relações entre as pessoas (notadamente entre professores e alunos) sejam menos rápidas e mais solidárias, onde tenhamos mais tempo para ouvir e menos coisas a fazer não podemos negar o programa que temos a cumprir, em consideração ética e política de transmissão/reconstrução do conhecimento acumulado pela humanidade às gerações futuras.

A terceira proposta para a realização do Estudo do Meio aconteceu no ano de 2006, quando foi estudada a praça do bairro onde se encontra a Faculdade, a Avenida Brasil e um terceiro lugar. Foi aí que surgiu a idéia de incluir a Avenida Bandeirantes, com o objetivo de fazer uma interface entre as disciplinas de Geografia e Saúde e Sexualidade. Fui percebendo as possibilidades de pensar sobre os espaços geográficos também naquele lugar, pois nada tinha sido oficialmente produzido, em termos de narrativas, e era um lugar com muitos preconceitos por parte das pessoas.

A Avenida Bandeirantes localiza-se no centro da cidade de Americana. É uma avenida de grande extensão, atravessando de uma ponta a outra da cidade às margens do Ribeirão Quilombo, e uma das vias de acesso à Rodovia SP 304, justificando assim a sua diversidade. Concentram-se nela vários estabelecimentos comerciais, de serviço público, poucas residências e muitas indústrias. O preconceito atribuído a ela se dá devido a uma extensão embaixo do Viaduto Centenário e ao seu redor, que possui muitos imóveis antigos, ruas escuras freqüentadas por pessoas que são marginalizadas pela sociedade - prostitutas, travestis, garotos de programa, drogados - e onde se pode comprar drogas.



Viaduto Centenário acima, abaixo Av. Bandeirantes



Foto aérea da Av. Bandeirantes

Quando falei que iríamos fazer o Estudo do Meio na Avenida Bandeirantes, houve um burburinho danado na classe, uma mistura de risadas maliciosas, espanto e comentários que assustaram as alunas-professoras de outras cidades.

Algumas já se manifestaram que “naquele lugar” elas não iriam, pois era perigoso, arriscado e escuro. No entanto, a escolha foi mantida.

Decididos os lugares, iniciamos as impressões subjetivas primeiramente pela Avenida Bandeirantes (foi proposital minha escolha em começar pela Avenida Bandeirantes devido aos comentários surgidos). Pedi que primeiro só falassem as alunas-professoras que não moravam na cidade de Americana, para não ocorrer influência nas falas das alunas-professoras moradoras de Americana como tinha acontecido nos anos anteriores. Elas se ativeram apenas nas descrições

físicas baseadas em elementos físicos que compõem estes lugares e nos seus imaginários retirados da mídia, de cartões postais, jornais, conversas com as colegas, etc. Em nenhum momento citaram as impressões violentas e preconceituosas que as alunas-professoras moradoras de Americana falavam quando se referiam a Avenida Bandeirantes.

Quando as professoras-alunas que moravam na cidade de Americana passaram a participar com suas narrativas, em especial sobre a Avenida Bandeirante, as manifestações de como percebiam este lugar escolhido para o estudo foram saindo de suas mentes e tomando forma e sentido de um relato carregado de preconceitos. A partir destas narrativas, as demais falas foram sendo mescladas de preconceito e o imaginário das que não conheciam o lugar passou a aderir/colar nas concepções preconceituosas do grupo que demonstrava algum tipo de vivência da Avenida Bandeirante.

Estes apontamentos de como as pessoas acreditam nas palavras dos outros, principalmente das pessoas que vivem nas cidades é reforçado pela credibilidade dada ao “modo de pensar a vida na cidade”, onde os valores morais burgueses são mais enfatizados em detrimento dos outros. “O contato cotidiano com o outro implica a descoberta de modos de vida, problemas, perspectivas e projetos comuns. Por outro lado, produz junto com a identidade a consciência da desigualdade e das contradições, nas quais se funda a vida humana (Carlos, 2001, p.89).” Isto se manifesta na nossa linguagem quando descrevemos as coisas. Nossos adjetivos passam a descrever os lugares para descrever o “eu”, isto é, o conhecimento que tenho do mundo exterior é que determina a minha linguagem. Somos sempre precipitados nos valores que atribuímos às coisas, devido ao que recebemos de conhecimento. Uma resposta a um determinado estímulo requer estes sentimentos, mas o ir ao lugar é necessário para entrarmos em contato e retornar às imagens, para observar, notar melhor as qualidades que damos as coisas que vemos e nomeamos.

As narrativas geraram certo mal estar, uma mistura de curiosidade, medo e resistência nos grupos que estavam incumbidos de estudar a Avenida Bandeirante.; momentos de apreensão pairaram no ambiente. O desconhecido sempre causa espanto. Conosco não foi diferente e alguns grupos resolveram tomar algumas providências para aquilo que elas nomearam de uma “*infiltração em um mundo obscuro*”. Um grupo inclusive providenciou uma escolta policial.

Tínhamos discutido os textos que norteariam nossas reflexões, e ampliariam nossos olhares. É interessante notar como classificamos os lugares e os outros através do nosso conceito pré-estabelecido. Como diz Garcia (1998, p.24) “Todos somos uns para os outros e outros para uns, enquanto há alguma possibilidade de identificação, de reconhecimento”. São esses pré-conceitos

que definem a relação que temos com o outro, a nossa visão do diferente. Talvez os pedintes, os traficantes de drogas sejam anormais para nós devido à classificação que fazemos deles. Esculpimos o outro no processo social do cotidiano. Muitas vezes até induzimos o outro a pensar e agir de acordo com o nosso ponto de vista, e na recusa passamos a denominá-los como um problema, isto é, moldando o outro, através do que denominamos “normais” ou “anormais” de acordo com as relações definidas pela sociedade (família, escola, trabalho, etc.), passamos a usar esta ideologia do normal para definir o que é anormal.

Questionar estas classificações seria a ação primeira, para depois estabelecermos a solidariedade diante das diferenças apresentadas e assumirmos o outro em nós nas observações que iríamos fazer do espaço geográfico em estudo, ou seja, da Avenida Bandeirantes.

Para usar novamente García (1998, p.24):

Ressaltemos: o outro como problema é momento de um processo. De fato, o outro se fabrica. Esculpimos o outro traço por traço, num processo social e cotidiano: sobre a base da loucura, construímos dia a dia o louco; sobre a diferença de cor, fabricamos o negro; sobre a diferença de sexos, fazemos da mulher a costela complementar do homem; sobre a diferença de origem geográfica, convertemos o forasteiro-esse que, não tendo podido faltar durante séculos na festa popular, os artesãos aragoneses imortalizaram em forma de cabeçudo-, convertemo-lo, digo, em estrangeiro...E assim, de cada um deles fazemos um estranho.

Conforme havíamos relatado em algumas impressões subjetivas da Avenida Bandeirantes, pudemos vivenciar que lhe é atribuído um sentido pejorativo. Durante o estudo, percebemos que tais impressões são errôneas, pois o espaço geográfico é amplo e diversificado. Não podemos deixar de citar que generalizamos os espaços pelo fato de haver prostitutas em alguns pontos da Avenida, mas mudamos a nossa posição de observadoras convencionais e, analisando-a em sua totalidade, modificamos nossa visão não somente em relação à avenida, mas ao modo de ver o mundo.

A última proposta de Estudo do Meio aconteceu ano de 2007. Desta proposta surgiu uma lista de lugares inimagináveis escolhidos pelas alunas e finalmente escolhemos três lugares apenas: dois grupos na Avenida Brasil, dois na Avenida Bandeirantes e dois em um dos *shoppings* da cidade. Dividi a classe em seis grupos, sendo que cada dois grupos iriam para um mesmo lugar. Esta proposta de enviar dois grupos a um mesmo lugar era para confrontar pontos de vista diferentes através dos sujeitos envolvidos. Se estávamos trabalhando com o saber da experiência, nada mais justo do que proporcionar olhares diferenciados. Foi inclusive reservado um momento em sala de aula após a ida aos locais estabelecidos para a circulação de dados, pontos de vista e

informações que tinha a finalidade de troca e enriquecimento das propostas de trabalho entre os grupos.

Neste ano, incluiu-se o *shopping* no estudo do meio, fato que foi motivado pela leitura do capítulo “Tempo e Espaço”, do livro *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman (2001). As alunas-professoras, no primeiro momento, não escolheram o shopping para realizar o Estudo do Meio, pois manifestaram que ali não tinha nada de interessante para observar/olhar. Era um lugar que todo mundo conhecia, por se tratar de local de lazer e compras. Após a leitura do texto, seus olhares se modificaram. Os conceitos que apresentaram sobre o *shopping center* como local de lazer e compras se ampliaram e as propostas de reflexão sobre lugares êmicos, lugares fágicos, não lugares e espaços vazios que o texto trazia, abriu um leque de possibilidades que despertou curiosidade de produzir outros conhecimentos e leituras sobre aquele lugar.

O grupo que foi para o shopping fazer o Estudo do Meio ficou indignado com a recepção que tiveram. Quando os seguranças perceberam que a estadia deles naquele lugar era para observar criticamente o espaço, observar o comportamento das pessoas naquele ambiente e entrevistar as pessoas, os vigias começaram a abordá-los, para pedir explicação das ações mais atentas que estavam tendo do lugar.

Os modernos sistemas de vigilância são modelos universais de máquinas de disciplinar, um dispositivo fechado, destinado a definir as relações de poder na vida cotidiana e a preservação das prerrogativas da lei e da ordem. Por isso, nos sentimos tão vigiados: estávamos invadindo um espaço e ameaçando quebrar a ordem, pois, segundo os seguranças, o que estávamos fazendo – observar, entrevistar e tirar fotos - não era permitido no local. Percebemos que somente o consumo e o entretenimento são permitidos naquele lugar.

Na aula seguinte à ida aos locais do Estudo do Meio, pedi para as alunas narrarem o que vivenciaram. As narrativas refletiram suas experiências de caminhar, olhar, ouvir, sentir cheiros e ansiedades, e também as percepções que tiveram em relação ao lugar. O cruzamento dos dois olhares para cada um dos três lugares escolhidos trouxe um melhor entendimento sobre como os lugares são produtos das experiências e dos discursos que fazemos e que nos fazem sobre eles.

Através do trabalho realizado pelas alunas-professoras no desenvolvimento do Estudo do Meio ao longo destes quatro anos, percebi como essas possibilidades de se pensar o espaço geográfico foi privilegiado para todos nós, professora e alunas(os). As reinterpretações que demos ao espaço geográfico a partir do próprio entendimento que cada um tem do mundo e das propostas de reflexão trazidas pelos textos que nos embasaram foram incríveis.

As impressões subjetivas iniciais foram importantes para que ficassem claras as idéias prontas e os preconceitos que nos impedem de ver e conhecer.

Conclui-se que compreender o lugar não significa simplesmente reconhecer e descrever sua aparência, mas sim, o que tínhamos proporcionado em nós mesmos: a percepção daquilo que é realidade para cada um de nós e como poderíamos através desta percepção melhorar as nossas relações sociais e o entendimento que temos com o nosso lugar de morada.

Posso dizer que foi uma experiência muito gratificante e profícua que traduziu muito bem o que é o trabalho de uma prática “pedagógica” na qual professor e aluno estabelecem uma cumplicidade, em que, se o aluno circula em parte pelo mesmo repertório que o professor, este pode indicar-lhe onde buscar os recursos mais promissores para a criação. E quando acontece de o repertório não ser o mesmo, pode ajudá-lo a encontrar alguém que domine este outro campo e lhe sugerir outras possibilidades.

Podemos, com isto, concluir que o que transmite um professor não é o conteúdo que ele domina, mas a perspectiva com que produz sua prática enquanto pensador na interação com esse conteúdo, assim como as possibilidades que seus alunos têm de pensar sobre o espaço geográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUEDA B. B; OLIVEIRA JR, W. M. *Estudo, Pensamento e Criação - Escritos de algumas pessoas na busca do que seria uma Geografia Escolar a propor*, 3ºVol. Ed., Campinas Gráfica FE/UNICAMP, 2005.
- ARANTES, A. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 23, p.191-203, Rio de Janeiro, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CARLOS, A. F. A. *O Lugar no/do mundo*. São Paulo. Hucitec, 1996.
- _____. Apresentando a Metrópole na sala de aula. In: *A Geografia na Sala de Aula*. 3ªed., São Paulo, Contexto, 2001.
- GARCÍA, R. A propósito do outro: a loucura. In: LARROSA, J. e LARA, N. P. (Org). *Imagens do outro*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- HILLMAN, J. Anima mundi, In *Cidade & Alma*, São Paulo, Studio Nobel, 1993. p.9-28.
- LARROSA, Jorge. Agamenon e seu porqueiro. In: *Pedagogia Profana - Danças, piruetas e mascaradas*, Belo Horizonte, Autêntica, 1999.
- _____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n.º19, p. 20-28, jan-abr, 2002.
- LE GOFF, J., *Memória e história*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1996.

- LIMA, Luciano Castro. “O Sentido é o Meio – Ser ou Não Ser”. In: PONTUSCHKA, N. N. ; OLIVEIRA, A. U. de (Org.). *Geografia em Perspectiva*, São Paulo, Contexto, 2002.
- MACHADO, A. Máquinas de vigiar. *Revista USP – Dossiê Tecnologias*, nº 7, p. 23-32, set. out. nov., 1990.
- NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna*, São Paulo, Globo, 2005.
- ROLNIK, Suely. Pensamento, Corpo e Devir. Uma Perspectiva Ético/Estético/Política no Trabalho Acadêmico. *Caderno de Subjetividade. Núcleo de estudos e Registros da Subjetividade do Programa de Pós – Graduação em psicologia Clínica da PUC-São Paulo*. Vol.1, nº 2, 1993.
- SANTOS, Milton. *A Natureza Do Espaço: Técnica E Tempo, Razão e Emoção*, Hucitec, 1997.
- SOUZA, Meriti. Fios e furos: a trama da subjetividade e a educação. *Revista Brasileira de educação*, n. 26, maio/junh/julh/ago. 2004, p.119 – 132.
- VESENTINI, José William (Org.)...[et al.].*Geografia e Ensino: Textos críticos*. 3ªedição; [tradução Josette Gian].Campinas,SP: Papirus, 1994.